



AGROTÓXICOS EM FOCO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA COBERTURA JORNALÍSTICA NA FOLHA DE SÃO PAULO E NO BRASIL DE FATO

Maria Eduarda Sousa Ribeiro¹

Pedro Vinicius Martins Santos²

Daniela Queiroz Zuliani³

RESUMO

O presente estudo tem como foco a análise da cobertura jornalística sobre agrotóxicos em dois veículos com perfis editoriais distintos: a Folha de S. Paulo, representando a mídia hegemônica, e o Brasil de Fato, caracterizado como mídia não hegemônica. A pesquisa utilizou como abordagem metodológica a Análise Crítica do Discurso (ACD), investigando cinco matérias publicadas entre os anos de 2021 e 2025. O objetivo central foi compreender de que maneira esses meios de comunicação constroem narrativas acerca do uso de agrotóxicos, observando não apenas os enfoques priorizados, mas também as ausências e silenciamentos presentes nos textos jornalísticos. A análise contemplou diferentes dimensões: a ênfase ou não nos riscos à saúde humana, a incorporação de fontes alternativas às oficiais, o tratamento dado às questões ambientais e a forma como cada veículo articula os impactos sociais e ecológicos decorrentes do uso intensivo de defensivos agrícolas. A investigação revelou diferenças significativas entre os dois jornais, tanto na seleção de vozes e argumentos quanto na profundidade crítica atribuída ao tema. Assim, buscou-se identificar em que medida tais abordagens contribuem para a formação de uma compreensão mais ampla e crítica sobre os agrotóxicos, ultrapassando a esfera técnica e evidenciando suas implicações sociais, políticas e ambientais.

Palavras-chave: mídia alternativa; cobertura crítica; discurso jornalístico; agrotóxicos.

UNILAB, CEARA, Discente, ribeiroeduarda517@gmail.com¹

UNILAB, CEARA, Discente, pedro.santos365@aluno.unilab.edu.br²

UNILAB, CEARA, Docente, danielaqzuliani@unilab.edu.br³



INTRODUÇÃO

O uso intensivo de agrotóxicos no Brasil é uma realidade que levanta debates em diferentes campos do conhecimento. Com a crescente liberação desses produtos nos últimos anos, surgem questionamentos não apenas sobre seus impactos na saúde humana e no meio ambiente, mas também sobre como essas informações são produzidas, veiculadas e recebidas pela população. Nesse sentido, os meios de comunicação ocupam papel central na construção simbólica da realidade, atuando como agentes culturais e políticos na mediação entre os acontecimentos e o imaginário coletivo. A concepção de mundo e a percepção que temos sobre os agrotóxicos são moldadas por discursos midiáticos carregados de ideologias. As notícias, longe de serem meros relatos objetivos, são resultados intencionais dos processos jornalísticos, com funções que ultrapassam o simples ato de informar. Como alerta Genro Filho (1987), é ilusória a noção de objetividade jornalística que se pretende neutra e imparcial. A seleção, o enquadramento e o silenciamento de informações nos veículos de comunicação refletem interesses institucionais, econômicos e ideológicos (CASTELLS, 2009). Historicamente, o Brasil lida com os pesticidas a partir de uma ótica desenvolvimentista, especialmente desde a Revolução Verde e o regime militar, quando esses produtos passaram a ser associados à ideia de progresso. Essa perspectiva foi institucionalizada, inclusive, por meio da Portaria do Ministério da Agricultura nº 295/1971, que os classifica oficialmente como “defensivos agrícolas” um termo que, embora ainda utilizado por setores ligados ao agronegócio e pelo próprio MAPA, carrega forte conotação ideológica. A mudança na nomenclatura revela a força simbólica da linguagem na naturalização de práticas e modelos produtivos. Diante disso, este trabalho se insere no campo da comunicação popular e da agroecologia ao analisar criticamente a forma como dois jornais com perfis contrastantes a Folha de S. Paulo, representante da mídia hegemônica, e o Brasil de Fato, expressão da mídia alternativa constroem suas reportagens sobre os agrotóxicos. A intenção é identificar os principais discursos, enfoques e estratégias comunicacionais presentes nas matérias, observando se há associação aos riscos à saúde, aos impactos ambientais e à diversidade de posicionamentos sociais. Ao dialogar com o eixo Arte, Cultura, Comunicação Popular, Mídias Sociais e Agroecologia, esta pesquisa busca evidenciar como a mídia atua como espaço simbólico de disputa de sentidos sobre o campo e os modos de vida. A escolha por comparar veículos com visões editoriais divergentes permite refletir sobre o papel das mídias alternativas na democratização da informação, na visibilização de vozes historicamente silenciadas como agricultores familiares, movimentos sociais e coletivos ambientalistas e na construção de uma cultura comunicacional mais justa, plural e comprometida com os princípios agroecológicos.

METODOLOGIA

Para avaliar os dois veículos jornalísticos, foram selecionadas e analisadas cinco reportagens publicadas entre os anos de 2021 e 2025, sendo cinco da Folha de S. Paulo e cinco do Brasil de Fato. A seleção das matérias considerou a presença explícita do tema “agrotóxicos” no título ou subtítulo, além de sua relevância no conteúdo. A abordagem metodológica adotada foi a Análise Crítica do Discurso (ACD), com base nos referenciais teóricos de autores como Norman Fairclough, Teun A. van Dijk e Ruth Wodak. A ACD é uma abordagem interdisciplinar que investiga como a linguagem é usada nas práticas sociais para expressar, sustentar ou desafiar relações de poder, ideologias e desigualdades. Parte-se do princípio de que o discurso não é neutro, mas está sempre inserido em contextos históricos, políticos e sociais. A Análise Crítica do Discurso sistematiza sua metodologia considerando a linguagem como prática social que constrói realidades; o discurso como instrumento de poder, capaz de refletir e produzir relações de dominação; a ideologia como mecanismo de naturalização de determinadas representações; e a centralidade do contexto, que deve ser



analisado em suas dimensões sociais, políticas e históricas. Nesse sentido, a ACD busca revelar os mecanismos linguísticos e comunicativos que naturalizam certas visões de mundo e silenciam outras, mostrando como textos, falas e imagens contribuem para moldar a opinião pública, legitimar estruturas de poder ou promover resistência. A análise concentrou-se em três aspectos críticos principais: referências aos impactos dos agrotóxicos na saúde humana, menções aos impactos ambientais associados ao uso de agroquímicos e presença de fontes críticas, como cientistas independentes, movimentos sociais e organizações ambientalistas. Essas categorias foram selecionadas por sua relevância social e por estarem diretamente ligadas à disputa de narrativas em torno do modelo agroquímico dominante. O objetivo foi verificar o grau de comprometimento dos veículos com uma cobertura crítica e plural, identificando possíveis alinhamentos com discursos institucionais ou contra-hegemônicos. Ao adotar esse método, buscou-se compreender como o discurso jornalístico contribui para moldar a percepção pública sobre os agrotóxicos, seja reproduzindo o consenso dominante, seja propondo rupturas e reconfigurações críticas.

A análise comparativa entre as reportagens da Folha de S. Paulo e do Brasil de Fato sobre agrotóxicos revela diferenças marcantes na abordagem dos conteúdos críticos. Conforme demonstrado no gráfico, a Folha apresentou uma cobertura significativamente mais limitada nos três aspectos analisados: impactos ambientais, efeitos na saúde humana e uso de fontes críticas. Já o Brasil de Fato demonstrou ênfase total em todos esses pontos, indicando um posicionamento editorial comprometido com a crítica social e ambiental. Esses dados indicam mais do que simples diferenças de estilo jornalístico revelam uma disputa entre narrativas e interesses. No caso da Folha de S. Paulo, observa-se uma abordagem que prioriza fontes institucionais e científicas, tratando o tema de forma técnica e, muitas vezes, alinhada ao discurso oficial do Estado e do agronegócio. Embora não se trate de manipulação direta, tal enquadramento limita o debate, invisibilizando os impactos reais dos agrotóxicos sobre trabalhadores rurais, comunidades tradicionais e o meio ambiente. À luz do pensamento de Antonio Gramsci, essa prática pode ser compreendida como expressão da hegemonia cultural uma forma de domínio ideológico consentido, em que os valores e ideias da classe dominante são internalizados pela sociedade como se fossem comuns a todos. A Folha, nesse contexto, atua como um aparelho privado de hegemonia, contribuindo para organizar o senso comum e naturalizar o modelo agroquímico vigente, sem colocar em xeque suas bases sociais e políticas. Por outro lado, o Brasil de Fato, enquanto veículo não hegemônico, rompe com esse enquadramento técnico e institucional ao incluir vozes historicamente marginalizadas, como movimentos sociais, pequenos agricultores, pesquisadores críticos e coletivos ambientais. Essa postura amplia o campo do debate e repolitiza a questão dos agrotóxicos, deixando de tratá-la apenas como um problema técnico para compreendê-la como uma questão ética, social e ambiental. Esse contraste reforça a importância de diversificar as fontes de informação e valorizar a mídia alternativa como espaço de resistência epistemológica. Ampliar o debate é reconhecer que o conhecimento sobre os impactos dos agrotóxicos não está restrito aos laboratórios ou instituições oficiais, mas também à vivência cotidiana daqueles que sentem esses efeitos diretamente no corpo e no território.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise comparativa entre as reportagens da Folha de S. Paulo e do Brasil de Fato sobre agrotóxicos revela diferenças marcantes na abordagem dos conteúdos críticos. Conforme demonstrado no gráfico, a Folha apresentou uma cobertura significativamente mais limitada nos três aspectos analisados: impactos ambientais, efeitos na saúde humana e uso de fontes críticas. Já o Brasil de Fato demonstrou ênfase total em todos esses pontos, indicando um posicionamento editorial comprometido com a crítica social e ambiental.



Esses dados indicam mais do que simples diferenças de estilo jornalístico revelam uma disputa entre narrativas e interesses. No caso da Folha de S. Paulo, observa-se uma abordagem que prioriza fontes institucionais e científicas, tratando o tema de forma técnica e, muitas vezes, alinhada ao discurso oficial do Estado e do agronegócio. Embora não se trate de manipulação direta, tal enquadramento limita o debate, invisibilizando os impactos reais dos agrotóxicos sobre trabalhadores rurais, comunidades tradicionais e o meio ambiente. À luz do pensamento de Antonio Gramsci, essa prática pode ser compreendida como expressão da hegemonia cultural uma forma de domínio ideológico consentido, em que os valores e ideias da classe dominante são internalizados pela sociedade como se fossem comuns a todos. A Folha, nesse contexto, atua como um aparelho privado de hegemonia, contribuindo para organizar o senso comum e naturalizar o modelo agroquímico vigente, sem colocar em xeque suas bases sociais e políticas. Por outro lado, o Brasil de Fato, enquanto veículo não hegemônico, rompe com esse enquadramento técnico e institucional ao incluir vozes historicamente marginalizadas, como movimentos sociais, pequenos agricultores, pesquisadores críticos e coletivos ambientais. Essa postura amplia o campo do debate e repolitiza a questão dos agrotóxicos, deixando de tratá-la apenas como um problema técnico para compreendê-la como uma questão ética, social e ambiental. Esse contraste reforça a importância de diversificar as fontes de informação e valorizar a mídia alternativa como espaço de resistência epistemológica. Ampliar o debate é reconhecer que o conhecimento sobre os impactos dos agrotóxicos não está restrito aos laboratórios ou instituições oficiais, mas também à vivência cotidiana daqueles que sentem esses efeitos diretamente no corpo e no território.

CONCLUSÕES

A análise comparativa realizada entre a cobertura da Folha de S. Paulo e do Brasil de Fato evidencia que o jornalismo, longe de ser neutro, desempenha um papel central na construção das percepções sociais sobre o uso de agrotóxicos no Brasil. As diferenças observadas entre os dois veículos não se limitam a estilos narrativos distintos, mas refletem projetos editoriais com compromissos ideológicos e sociais profundamente divergentes. Enquanto a Folha de S. Paulo, alinhada ao discurso técnico-institucional, tende a reproduzir a visão hegemônica do agronegócio, silenciando os impactos mais severos à saúde humana, ao meio ambiente e às populações vulnerabilizadas, o Brasil de Fato atua de maneira contra-hegemônica, evidenciando os conflitos, riscos e resistências silenciadas pela grande mídia. A presença ampliada de fontes críticas, movimentos sociais e especialistas independentes em suas reportagens demonstra um compromisso com a democratização da informação e com a repolitização do debate sobre o modelo agrícola dominante. A questão central não está na veracidade ou falsidade das informações veiculadas, mas no alcance e na profundidade com que o tema é tratado. Reduzir o debate sobre agrotóxicos à sua vinculação com figuras políticas alimenta conflitos e polarizações, favorece a capitalização da informação por meio da venda de narrativas, mas empobrece a discussão ao restringi-la a uma perspectiva superficial, desconsiderando seus impactos sociais, ambientais e à saúde pública. A partir da Análise Crítica do Discurso, compreende-se que os veículos de comunicação não apenas noticiam, mas também disputam sentidos, produzem consenso e moldam a opinião pública. Nesse sentido, o trabalho dialoga diretamente com o eixo Arte, Cultura, Comunicação Popular, Mídias Sociais e Agroecologia, ao demonstrar que a comunicação é uma arena simbólica vital para a consolidação de práticas agroecológicas.

AGRADECIMENTOS

IDR



REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Rodrigo; ARAÚJO, Inês da Silva; MOREIRA, Ana Lúcia. Comunicação e negligenciamento: algumas questões em movimento. 2012.
- ARAÚJO, Inês da Silva. Mercado simbólico: um modelo de comunicação para políticas públicas. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 8, n. 14, p. 165-177, 2004.
- ARAÚJO, Maria das Dores. Mercado simbólico: um modelo de comunicação para políticas públicas. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 16, n. 43, p. 963-978, 2012.
- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- LIMA, Rafaela Tavares Rodrigues da Silva. Agrotóxicos na mídia: uma trajetória do caso do Leite Humano Contaminado. 2015.
- LUCENA, Paulo Roberto. Pensamento complexo, agroecologia e agrotóxicos: análise da inter-relação entre ciência, movimentos sociais e mídia no processo de construção social das informações sobre toxicidade e risco. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 547-565, 2019.
- MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 25, n. 73, p. 59-77, 2010.
- MORAES, Denis. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. Revista Debates, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, 2010.
- SARAIVA, Luciana Aparecida Soares. A Análise Crítica do Discurso por Ruth Wodak. Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 1-19, 2009.